

Um rapaz... moderno

José Manuel vivia à larga. No fim do trabalho, dava gosto vê-lo todo asseado e ligeiro, a caminho da Baixa. Aqui e além, detinha o passo altivo para saudar um rapaz, porque muitos o «admiravam». Depressa, à volta dele, se juntavam os amigos. E o resto da tarde, passada à mesa do café, dava ao José Manuel a sensação dum pequeno ídolo.

Muita vez, não comia em casa. Meia hora de caminho a pé, era carga «demasiada» para o seu corpo «fatigado» do trabalho.

Dois ou três amigos aplaudiam a ideia e faziam-lhe companhia no alegre repasto da pastelaria mais próxima. Empregados, patrões, por onde passava, nas suas folias de rapaz, enchiam-no de atenções, de reverências e de aplausos.

Depressa o José Manuel que, a princípio, recolhia cedo, caiu na tentação da primeira noite. Achou-lhe graça, sentiu-se mais «homem» e... continuou.

Em casa, a pobre mãe — duplamente pobre por não ter dinheiro e por ver o filho perder-se — cansava-se de o chamar à razão.

— Oh Mãe!, respondia êle com altivez aflitiva, isso era dantes. Hoje, a vida é outra. Mais bela e grandiosa. E olhe que até mais honesta.

Os rapazes modernos são mais esportos, mais saídos da casca, mais conhecedores da vida e dos seus perigos. Deixe-me, mãe, não se affilia comigo.

Mas o ordenado, começou a não chegar.

Para casa, há muito que não ia vintém. As privações da pobre Mãe, não o comoveram tampouco. Era a vida moderna...

Sentiu um forte abalo, quando pediu, pela primeira vez, cem escudos à «Caixa». Mas depressa o esqueceu. Para não fazer má figura junto dos amigos, não cortou nada, nadinha mesmo, aos seus gastos nos «cabarets», cinemas, pastelarias. Mas os vales à «Caixa» continuaram...

Um dia, a Mãe, ralada de desgostos e de privações, adoeceu. Não podia contar com o marido, porque êsse, coitado, nunca soubera ser marido nem pai. O filho, estonteado pela sedução do prazer, também não parava em casa, nem se lembrava sequer dela. E, comida das ralações, inesperadamente, morreu.

José Manuel encarou o facto, como coisa banal. Os sentimentos de filho tinha-os, há muito, afogado em cervejas e licores. Pôs tira preta no braço esquerdo, continuou a meter vales à «Caixa», e aos amigos contou que lhe morrera um tio rico, de quem iria herdar uns patacos.

Mas o patrão, aborrecido pela vida do seu empregado e pela frequência dos «saques» adiantados, apesar de lhe pagar bem, começou a temer o pior. E antes que tal acontecesse, ao primeiro pretexto, despediu-o.

José Manuel, privado do seu belo ordenado, começou a mentir para iludir os seus amigos. Como haveria de mostrar-lhes a sua verdadeira situação? Começou a faltar às «reuniões» e a das desculpas.

Novo emprego não apareceu. O pai, gasto também de noites e de loucuras, tuberculizou. Deixou de ganhar. Tudo quanto havia em casa, foi então para o «prego»: fatos, sapatos de polimento, ricas gravatas, gbardines. E depois, roupas da cama, camisas, os próprios objectos da cozinha. Mas como tudo se sumia, e não chegava a nada, José Manuel, empurrado pela fome, ganhou coragem para executar o projecto que,

há muito, lhe apparecia como única e derradeira esperança: procurar os amigos. Talvez que lhe emprestassem dinheiro. Não tinha gasto tanto com êles? Não os tinha cumulado de atenções e de franquezas?

E lá partiu, acabrunhado, sujo, barba crescida, à procura do primeiro. Fez-se desconhecido! Talvez que fulano, pensou consigo mesmo, proceda doutra maneira. Era mais dado e mais leal...

Mas o segundo e o terceiro, como o quinto e o sexto, todos se esquivaram. Apenas um lhe dera vinte escudos.

E, dali por diante, nenhum dos «amigos» o conheceu mais. Quando o viam num passeio, fugiam para o outro ou escondiam-se nalgum vão da escada.

José Manuel começou a compreender. E começou então a ser filho. O remorso de ter abandonado, na agonia, a pobre Mãe, deu-lhe forças para reparar a falta, redobrando de carinhos para com o seu Pai, que, dia a dia, se ia desfazendo em sangue.

Escanzelado, sebento, magríssimo, lá seguiu, um dia, até ao cemitério a enterrar o Pai. Estava só no mundo!

De regresso a casa, viu tudo tão só e tão nu, tudo tão severo para êle, que resolveu partir. Na manhã seguinte, pés ao caminho, para bem longe! Iria refazer a vida, iria começar a vida.

Passou fome e miséria. Quasi que era preso por vadio. E não arranjou trabalho. As autoridades por onde andou aconselharam-no a regressar a Lisboa.

E êle aí chegou há oito dias, morto de fome e de vergonha, sem esperanças e sem amigos. Bailava-lhe nos olhos uma tentação: o suicídio.

Conversamos com êle. Há tanto tempo que o não vimos! Que diferença entre o José Manuel de há dois anos e o José Manuel de hoje!

Recolhemos-lhe algumas lágrimas e encomendamo-lo a alguns rapazes amigos.

E lá anda êle, à espera de emprego, mas tendo agora onde dormir, onde comer, porque êsses rapazes, trabalhadores e empregados como êle era, e que não querem ser rapazes modernos, se cotizam para o sustentar. Já lhe vimos um sorriso nos lábios. Este salvou-se.

Quantos rapazes têm uma história semelhante a esta! Se pudéssemos escrever-lhe, mais alguém ficaria a compreender para que servem os «cabarets», os «amigos», as noites, os modernismos, e a infinita parvoíce de deixar os filhos fazerem-se «homens», porque é chic e moderno.

Também poderiam dizer alguma coisa os juizes dos Tribunais criminaes...

ABEL VARZIM